

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino
Cleuma Sueli Santos Suto
Dejeane de Oliveira Silva
José Andrade Almeida Junior
Maria Thereza Ávila Dantas Coelho
Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva
Francielle Pereira Santos
Ludmila Nunes Mourão
Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano
Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral
Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório
Nívia Madja dos Santos
Roberto Firpo de Almeida Filho
Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório
Alana Maiara Brito Bibiano
Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral
Roberto Firpo de Almeida Filho
Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Claudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabricia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Algusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS

Paula Land Curi

Universidade Federal Fluminense - Niterói, Rio de Janeiro

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

Universidade Federal Fluminense – Niterói, Rio de Janeiro.

RESUMO: Este trabalho pretende tecer considerações acerca da violência contra as mulheres, a partir de um enfoque de gênero. Visa evidenciar o estado de vulnerabilidade no qual as mulheres se colocam por “amarem demais”. A história das mulheres nas sociedades mostra que esse não é um fato novo: elas sempre foram, e ainda são, alvos “fáceis”, visto que, ao longo dos tempos, o sistema patriarcal perpetua eficazmente formas de dominação profundamente inscritas na cultura. Formas tradicionais de dominação e violência podem não mais encontrar no silêncio seu abrigo, mas elas não desapareceram. Por vezes, as próprias mulheres não se apercebem violentadas, especialmente quando a distinção entre o sexo consentido e o não consentido, do sim e do não, se apaga diante do chamado “dever da mulher”. Ainda hoje, o número de mulheres violentadas por homens com os quais mantêm vínculos afetivos – namorados, companheiros, maridos – é surpreendente. Eles realçam que, no âmago da questão, de um lado, temos

à própria condição de ser mulher em uma sociedade patriarcal. Mas, de outro, sobressai às falas dessas mesmas mulheres, violadas, sobre o amor - o mais nobre dos sentimentos que, como tal, comporta algo sacrificial.

PALAVRAS-CHAVE: violência; mulher; amor.

ABSTRACT: This work intends to make considerations about violence against women, based on a gender perspective. It aims to highlight the state of vulnerability in which women put themselves for "loving too much". The history of women in societies shows that this is not a new fact: they have always been, and still are, "easy" targets, since, over time, the patriarchal system effectively perpetuates forms of domination deeply inscribed in culture. Traditional forms of domination and violence may no longer find their shelter in silence, but they have not disappeared. Sometimes the women themselves do not perceive violence, especially when the distinction between consenting and non-consenting sex, yes and no, is extinguished by the so-called "woman's duty." Even today, the number of women raped by men with whom they maintain affective bonds - boyfriends, companions, husbands - is surprising. They emphasize that, at the heart of the question, on the one hand, we have the very condition of being a woman in a patriarchal society. But on the other hand, it stands out to the speeches of

these same violated women about love - the noblest of feelings which, as such, carry something sacrificial.

KEYWORDS: violence; woman; love.

1 | INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher está posta diariamente para a sociedade, graças à velocidade midiática e digital, se colocando em meio às conversas do cotidiano que permeiam o senso comum, e não passando incólume como certa convocação aos profissionais de saúde, psicólogos, médicos e enfermeiros, provocando-lhes (ou pelo menos devendo provocar) questionamentos acerca dos atravessamentos que essa questão traz às suas práticas clínicas. Atravessamentos esses que podem incitar (e quiçá o façam) posicionamentos, ações e mobilizações. Sem pretensão alguma de enumerar todos esses atravessamentos, destacaremos alguns deles que nos parecem ser bastante significativos.

O primeiro deles se refere ao trabalho numa rede de saúde à assistência à mulher exposta ou em situação de violência. A questão que aqui se coloca é primeiramente da importância da existência de uma rede e mais do que isso, dos movimentos dos profissionais que dela fazem parte, em um cruzamento de ações, inter-ações e diálogos mais do que necessários com vistas ao atendimento e acolhimento às mulheres que dela demandam ajuda. E que rede seria essa?-

De acordo com o Portal Brasil (2016) entende-se que a rede atendimento à mulher é intersetorial, ou seja, reúne ações e serviços de diversos setores, por exemplo, da assistência social, da justiça, da segurança pública e da saúde. Ela busca ampliar e melhorar a qualidade do atendimento às mulheres em situação de violência. Vale pontuar, assim, que a relação entre os profissionais passa pela urgência do diálogo articulado entre os diversos saberes que se presentificam na face de seus atores, diálogos estes que não devem passar por uma pretensa superioridade de um sobre outro, mas de uma interligação da ordem da horizontalidade. Como afirma Merhy (2008):

Desse modo, não consigo entender que possa existir uma clínica mais ampla que outra, fora do mundo da ação, nos encontros; muito menos, uma que seja a síntese conceitual superior das outras. Não consigo entender que possa haver, como que em um movimento dialético de tese, antítese e síntese, um acúmulo de saberes clínicos, que possam subsumir de modo definitivo os outros (p.12).

Mas quem são esses sujeitos a que chamamos de profissionais de saúde? Este é o segundo atravessamento que se coloca e que demanda uma reflexão bastante cuidadosa. Quando utilizamos o termo 'sujeito' trazemos à discussão o caráter idiossincrático de cada trabalhador, com sua história própria. Estamos falando de 'gente' que trabalha acolhendo 'gente' vítima de violência. E o que isso implica? Implica em um primeiro olhar, pensar que lidar com violência carrega já consigo um

peso significativo, uma vez que convoca o profissional a se colocar frente a situações dolorosas, disponibilizando a escuta a dor do outro.

E será que isso é possível a todos? Que atravessamentos isso pode provocar? Minsky-Kelly *et al.* *apud* Berger (2011) nos fala de um certo “desconforto” desses profissionais frente às situações de violência, trazendo à cena suas histórias que podem, eventualmente estar atravessadas pela violência de alguma maneira. Assim, ainda segundo as autoras, “atitudes de resistência ou negação da situação podem eclodir, por exemplo, caso o profissional tenha experimentado a violência em sua vida particular e este assunto seja, para ele, um tema “delicado”, que desencadeie sofrimento”. (p. 3).

É importante, portanto, que um olhar atento e uma escuta desses profissionais se tornem parte integrante do trabalho das equipes da rede, a fim de que tanto mulheres quanto profissionais sejam acolhidos e escutados. Vale pontuar ainda que embora o texto de Berger (2011) seja sobre violência entre parceiros íntimos, a pertinência da afirmação é válida para todos os demais tipos de violência com a qual um profissional de saúde pode lidar.

Essas histórias particulares trazem uma carga perceptiva singular acerca de atos de violência e de seu juízo de valor e, partindo deste viés, queremos trazer à discussão um recorte bastante específico da violência contra a mulher: aquela que acontece no âmbito de uma relação íntima e que carrega consigo um caráter de invisibilidade.

Invisibilidade não só por ocorrer dentro de quatro paredes, mas principalmente por não ser percebida como violência, nem pelo companheiro (em alguns casos), nem pela mulher e muito menos pela sociedade (e aí incluímos as equipes de saúde).

É como se o que ocorresse fosse ‘natural’, tanto no que tange ao comportamento do homem quanto da mulher na relação. Essas naturalizações se reportam às definições de papéis e padrões ditos femininos e masculinos que trazem em seu bojo uma carga fortemente determinista.

Uma escuta mais fina nos revela que nossas organizações sociais perpetuam eficazmente determinadas formas de dominação profundamente inscritas na cultura, marcadas dentro de uma lógica patriarcal, definindo o *modus operandi* do que é ser mulher ou homem, isto é, dos papéis esperados de cada um deles. E é nesta configuração que se articula a violência entre parceiros íntimos – VPI (BERGER, 2011), que em algumas histórias se camufla sob a justificativa dada pelas próprias mulheres de seu amor intenso por seus homens.

Antes, porém, de nos determos neste último viés da VPI, algumas considerações a respeito de gênero se fazem necessárias, visto que esse tipo de violência está intensamente marcado por determinantes dessa categoria.

2 | GÊNERO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A palavra gênero, do ponto de vista etimológico, se origina do morfema *gen-* ou *gnê-* de base indo-europeia que significa “gerar, engendrar, fazer nascer” e pensando a partir daí, podemos perceber que a ideia de gênero em nossa sociedade passa exatamente por algo do engendramento, de algo que nasce de ideias pré-concebidas, “nascendo” prontas, do tipo, “são assim”. E, no entanto, a questão se configura de maneira bem diversa quando afinamos nossa escuta e olhar.

Embora quando se fale de gênero, algo da ordem da determinação, seja biológica e/ou sociocultural e até mesmo religiosa, estejam em jogo e deem ao conceito uma caracterização bastante fechada, o conceito de gênero escapa em muito a essas restrições.

Estudos que se afirmaram ao longo das últimas décadas vêm demonstrando que quando falamos em gênero, estamos nos aproximando de uma categoria do aprendido, do construído socio-historicamente marcado, pois, por uma face muito mais de processo e transformação constantes do que de algo estandarizado e rígido. E afinal de contas de que trata o gênero?

O Boletim Observa Gênero do Governo Federal, publicado em março de 2016, aponta questões bastante pertinentes que nos podem auxiliar a pensar ou ainda repensar o assunto. Pontua o documento:

O termo gênero refere-se a uma relação social que estabelece e hierarquiza a diferença entre masculino e feminino. Gênero é, portanto, uma categoria de análise que nos possibilita pensar a desigualdade entre mulheres e homens como algo socialmente construído e, logo, passível de mudança. (p.2).

E reafirmando este olhar, não podemos esquecer daquilo que foi estabelecido na Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher - Pequim, 1995:

O conceito de gênero permitiu passar de uma análise da situação da mulher baseada no aspecto biológico para uma compreensão das relações entre homens e mulheres como produto de padrões determinados social e culturalmente, e, portanto, passíveis de modificação. As relações de gênero, com seu substrato de poder, passam a constituir o centro das preocupações e a chave para a superação dos padrões de desigualdade. (p.3).

Não podemos nos apartar da discussão, pois, de gênero, quando o assunto é a violência contra a mulher, que é o recorte deste trabalho, sob pena de perdermos a dimensionalidade da questão.

São ideias problematizadoras do que é gênero e de como ele firma lugares do agir e sentir masculino e feminino que não podem deixar de marcar o fazer clínico das equipes que recebem as mulheres. Mulheres estas que chegam aos serviços com suas histórias costuradas por falas que trazem à cena posicionamentos, ideias pré-concebidas e discussões importantes e mais do que necessárias tanto à sociedade

quanto às equipes de saúde.

Falas muitas vezes marcadas pelos significantes “culpa”, “vítima”, “coisa de homem”, “coisa de mulher”, “casamento é assim mesmo”, “mulher tem que aguentar”, de que muito nos falamos a quem quiser afinar a escuta. E, dentro desse quadro, vêm misturados em um caldo, por vezes ‘proteico’, mas também ‘entulhado’ e ‘azedo’ pré-conceitos do que é ser mulher e do que é ser homem, ideias que por restrições deterministas, atravessam não só opiniões, mas fazeres clínicos que podem sobremaneira atravancar atendimentos mais efetivos das mulheres vítimas de violência. E sobre essa questão pontua Faleiros (2007):

A violência de gênero estrutura-se – social, cultural, econômica e politicamente – a partir da concepção de que os seres humanos estão divididos entre machos e fêmeas, correspondendo a cada sexo lugares, papéis, *status* e poderes desiguais na vida privada e na pública, na família, no trabalho e na política. (p. 62).

Esta ideia repousa no ideário patriarcal creditando uma diferença valorativa de desigualdade aos gêneros masculino e feminino. Sobre isto nos fala Saffioti (2003) *apud* Faleiros (2007):

no exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias nomeadas (mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos), recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. (p. 62).

Por vezes, as próprias mulheres não se apercebem violentadas, especialmente quando a distinção entre o sexo consentido e o não consentido, do sim e do não, se apaga diante do chamado “dever da mulher”. Mas de outro lado sobressaem às falas dessas mesmas mulheres, violadas, sobre o amor - o mais nobre dos sentimentos que, como tal, comporta algo sacrificial.

3 | É POR AMAR DEMAIS?

Se o trabalho clínico das equipes de saúde e mais especificamente do psicólogo com mulheres expostas à violência sexual se apresenta como um constante desafio, no momento em que a VPI é trazida à cena, a questão, não se demonstra menos complexa, problematizando-se e produzindo muitas vezes reverberações das mais angustiantes para todos os envolvidos.

Essa face da violência traz consigo histórias, motivações e falas das mulheres bastante doloridas e em alguns casos enigmática. Quando ao enigma a que nos referimos, tocamos nas falas que nos dizem de um manter-se em uma relação a despeito da violência que sofrem, afirmando que por amarem demais seus homens, sem eles não podem viver, preferindo, assim, a submissão ao “abandono”. É do que nos fala Curi, Martins e Guimarães (2012):

Não são poucas as mulheres que alegam que sua manutenção numa dada posição – de humilhação, maus-tratos, violências extremas nos aspectos físicos, sexuais e psíquicos – são resultado de um amor incondicional, de certo tipo de escolha objetiva e forma de amar. Amam aqueles que, aos olhos da sociedade e dos dispositivos estatais de tutela e assistência, seriam seus algozes. (p. 229).

Etienne de La Boétie escreveu, no século XVI, o *Discurso sobre Servidão Voluntária* (2006) em que faz pontuações bastante pertinentes acerca da condição em que se colocam os homens frente a uma figura de autoridade, outorgando-lhe, por vontade própria, poder significativo a despeito do mal e da posição de subordinação que lhes possa provocar. É o que pode ser visto no seguinte trecho do seu texto:

Quero para já, se possível, esclarecer tão somente o fato de tantos homens, tantas vilas, cidades e nações suportarem às vezes um tirano que não tem outro poder de prejudicá-los enquanto eles quiserem suportá-lo; que só lhes pode fazer mal enquanto eles preferem aguentá-lo a contrariá-lo. (p. 5).

La Boétie (2006) acrescenta a essa ação, algo de voluntário no tocante à posição de se colocarem à mercê de seus senhores, autoinflingindo-se penas e amarras, uma vez que:

não basta que lhe obedeçam, têm que lhe fazer todas as vontades, tem de se matar de trabalhar nos negócios dele, de ter os gostos que ele tem, de renunciar à sua própria pessoa e de se despojar do que a natureza lhe deu (p. 48).

Embora as pontuações de La Boétie não se refiram à posição de mulheres frente aos seus homens, podemos estabelecer um encontro quando a questão de uma ‘servidão voluntária’ delas, se assemelhando em muito ao descrito no texto do século XVI. É como nos disse Camões (2016) em seu soneto: “É querer estar preso por vontade;”. E o enigma continua... O que move esse enigma?

Ora, o “preso por vontade” fala de um assentir, de certa escolha do sujeito por estar ali daquela maneira, nos fazendo colocar em suspenso o lugar de vítima quando nosso olhar se volta a um certo arranjo psíquico do qual a psicanálise tem muito a nos falar.

As “cadenas”, como nos falou Chico Buarque em seu texto “Mulheres de Atenas” a qual se atam as mulheres na VPI constitui uma servidão à revelia de toda violência sofrida?

Pensar nessa submissão nos fazer caminhar por algumas frentes um tanto quanto enigmáticas.

4 | SUBMISSÃO? COISA DE MULHER?

Sem intenção alguma de colocar um ponto final nesta questão, mesmo porque sua complexidade nos impediria de qualquer tentativa, algumas considerações valem

ser levantadas, funcionando (quem sabe) como disparadoras de possíveis discussões e porque não de ações no campo da saúde.

Quando nos valem de La Boétie que fala de um grupo que outorga a outrem tamanho poder, a ponto de se colocar em uma posição de renúncia de si mesmo, de seus gostos e vontades, e quando estabelecemos uma semelhança com as mulheres expostas à VPI que afirmam amar demais e não poder abdicar de seus homens, tocamos em um ponto bastante delicado que atravessa o universo dito feminino: o de se sentir abandonado, desamparado e no final das contas não amado. Posições normatizadas do que é ser homem e mulher, assim como o que ronda o imaginário cultural do que sente e como sente um homem e uma mulher, constroem sobremaneira as ideias generalizadas da sociedade que constroem um engessamento de homens e mulheres em moldes bastantes ‘precisos e apertados’. São peças marcadas por ideias rígidas de gênero, do que é “típico” de homem e mulher fazer, ser e sentir. É o que nos aponta Scott *apud* Lima, Buchele, Clímaco (2008) quando fala que gênero é:

uma forma de identificar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. (p.73).

Desde muito cedo, crianças, sejam meninas ou meninos se constituem com tal a partir da relação com o outro (em sua maioria pais e mães ou aqueles que lhes fazem os papéis) e dessa forma vão se construindo homens e mulheres, carregando consigo as características do que ‘ser’ cada um, assim como o que é deles esperado. O caldo cultural em que estão imersos lhes oferta uma carga com certo tom determinista do qual poucos escapam ou mesmo se apercebem tamanha a sua sutileza. E tudo isso se articula a partir da malha da linguagem que nos atravessa e constitui, endossando toda sorte de “verdades” e/ou “inverdades” da cultura. Uns desses ditos que marcam e que valem uma atenção especial, são como os que aponta Silva (2012) quando se pretende dicotomizar de uma maneira bastante questionável (mas ainda tão arraigada no senso-comum) as figuras de homens e mulheres, designando os primeiros fortes e autônomos e elas fracas e dependentes.

Por essas definições ditas funcionais, as mulheres são colocadas e se colocam, seja consciente ou inconscientemente, numa posição de ‘fragilidade’, de alguém que precisa de proteção e no caso em questão deste trabalho, do seu homem. E esse ser doce, que por uma construção marcadamente socio-histórica é colocada no lugar daquele que ama e que cuida. Conforme pontuou Parsons *apud* Negreiros e Féres-Carneiro (2004):

orientam-se os meninos de uma forma instrumental, com ênfase na competência e capacidade para a ação - respostas impessoais - e as meninas para uma dimensão expressiva, com foco na ternura e no bem-estar dos outros - respostas pessoais. (p.35).

Bem-estar do outro, isto parece ser um dos pontos que observamos na clínica das mulheres que afirmam amar demais à guisa da exposição à violência em que se colocam. Pelo 'bem' do outro, se expõem, abdicando de suas vontades e "quereres", atravessadas por falas que ouvem desde a infância que ainda ecoam e falam de um servir, de que mulher é assim e homem é assado. E amam desesperadamente aqueles que as maltratam por um receio (que na maioria das vezes passa pelo inconsciente) de se sentirem desamparadas e mais do que tudo de não serem amadas. Por conseguinte, se colocam em posição de servidão ou como diria La Boétie: "servidão voluntária" neste caso em nome do amor.

E pegando por empréstimo o texto romântico (que tanto marcou e ainda marca o que é "ser mulher") *Iracema* de José de Alencar para ilustrar tanto o ideário do que é a mulher, quanto à ideia do sacrifício em prol do bem-estar do outro. Eis o trecho:

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido. De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida. O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada (p. 6).

5 | CONCLUSÃO

Qualquer tentativa de escrever uma conclusão quando o assunto é a violência contra a mulher está, no mínimo, fadada ao fracasso pela sua complexidade. Entretanto, alguns pontos importantes cabem ser apontados.

O primeiro deles se refere à urgência dos profissionais de saúde de pensar, colocando em reflexão a questão nas equipes construindo interlocuções dentro da perspectiva de um trabalho intersetorial. É momento mais que necessário de colocarmos esse ponto em discussão, retirando vendas e tampões de ouvido que nos possam embaçar o olhar e ensurdecer a escuta.

Outra questão premente toca na importância de se incluir nos currículos dos cursos de graduação de psicologia, medicina, enfermagem, a questão da violência como item de discussão no processo de formação de futuros profissionais.

Discutir a violência nos remete à reflexão sobre arraigadas engrenagens sócio históricas de uma sociedade patriarcal em que predominam ideias naturalizadas de gênero, de papéis normatizados de homem e de mulher. Não pensar e não agir sobre essas normatizações é condenar às mulheres a continuarem expostas à violência, submetidas àquele a quem se outorga "naturalmente" porque "sempre foi assim" o poder de controle e decisão: o masculino.

Não mexer nessa engrenagem é assistir continuamente a muitas e muitas

mulheres quebrarem a flecha e darem a seus homens a ponta não farpada, mantendo consigo a ponta farpada, a ponta que mantém a ferida aberta.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. **Iracema**. MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. In: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/iracema.pdf. Acesso em: Mar, 2016.

BERGER, S. M. D. Violência entre Parceiros Íntimos: Desafios no Ensino e Atenção em Saúde. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação Médica**, 35 (4), 2011.

CUNHA, A.G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

CURI, P. L.; MARTINS, J. de A. F.; LEMOS, E. A. G. Em Nome do Amor. In: **Cadernos de Psicanálise – A Perversão Normatizada e o Lugar do Analista**. Rio de Janeiro, v.29, n.32, 2013.

FALEIROS, E. Violência de Gênero. In: TAQUETTE, S. R. (ORG). **Violência contra a mulher adolescente-jovem**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2007.

LA BOÉTIE, E. (1549) **Discurso sobre a servidão voluntária**. L.C.C. Publicações Eletrônicas <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/boetie.html>. Acesso em Jun. 2016.

LIMA, D.; BUCHELE, F.; CLÍMACO, D. de A. Homens, Gênero e Violência Contra a Mulher. São Paulo: **Saúde e Sociedade**, v.17, n.2, p.69-81, 2008.

MERHY, E. CorpoVida, mais um na multidão. In: Brasil. Ministério da Saúde. Grupo Hospitalar Conceição. Gerência, Ensino e Pesquisa. **Corpovida: Tecendo uma clínica contemporânea**. Porto Alegre: Hospital Nossa Senhora da Conceição, 2008. Disponível em: <https://issuu.com/veralaporta/docs/corpovida>. Acesso em Mar. 2016.

NEGREIROS, T. C. G; FÉRES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. Rio de Janeiro: **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, Jun. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em Mar. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher - Pequim, 1995 - Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2014/02/declaracao_pequim.pdf. Acesso em: Mar, 2016.

SILVA, C. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. In: http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade_imposta.pdf. Acesso em: Mar, 2016.

SITES CONSULTADOS

OBSERVATÓRIO DE GÊNERO. Disponível em: https://www.google.com/search?ei=jqrY_XITdFMHB5OUPwqyt8A_0&q=observa+g%C3%AAnero+mar%C3%A7o+2016&oq=observa+g%C3%AAnero+mar%C3%A7o+2016&gs_l=syab.3...757028.757937..758310_0.0.139.757.0j6_0_1..gws-wiz_0i71.bq3647jdP5g. Acesso em Abr, 2016

PORTAL BRASIL. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/rede-de-atendimento>. Acesso em Abr, 2016.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

